



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

O Sul como norte de reflexões e análises relevantes

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos

Alexandre Fuccille

Como citar: ALBUQUERQUE, A. R.; MELO, R. M. Apresentação. O Sul como norte de reflexões e análises relevantes. *In:* PASSOS, R. D. F.; FUCCILLE, A. **Visões do Sul:** crise e transformações do sistema internacional (volume I). Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 15-20.
DOI: [https:// doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-789-0.p15-20](https://doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-789-0.p15-20)



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

O SUL COMO NORTE DE REFLEXÕES E ANÁLISES RELEVANTES

É uma grande satisfação e honra apresentar um livro que busca resgatar e recolocar questões de grande relevância tendo o Sul como temário central e norte de debates e análises no campo das Relações Internacionais. Os capítulos aqui reunidos constituem as contribuições das conferências e mesas apresentadas na XII Semana de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, tendo como tema “Visões do Sul: Crise e Transformações no Sistema Internacional”, ocorrida em Franca entre 11 e 15 de agosto de 2014. Muito mais que uma metáfora ou uma busca de escapar aos temas tradicionais que focam em perspectivas eurocêntricas e do Norte no campo internacionalista, a proposta deste livro tem um sentido mais amplo ao buscar focar os Estados meridionais da política internacional.

Assim como os países do Norte, os países do Sul são vulneráveis a variáveis históricas, sociais, econômicas e culturais, cuja relevância deve ser levada em conta pelos atores oficiais responsáveis pela formulação da política exterior. Eles podem pertencer a uma comunidade epistêmica ou são assessorados por uma delas, em possíveis ligações entre academia e os operadores de política externa, de onde emergem vínculos entretecidos entre a teoria e a prática, entre a formulação e aplicação. Esses compromissos permanecem encobertos sob o espesso véu do pragmatismo que habitualmente reivindicam os operadores.

Entender a política externa destas novas potências emergentes e de demais países do Sul é uma importante contribuição para o ainda pouco explorado campo de análise comparada de políticas externas. Percebe-se que as decisões em Política Externa não são mecânicas. Elas são resultantes de vários fatores externos, bem como fruto de uma percepção da realidade remetida à avaliação da memória histórica de um país. Elas dependem da análise da realidade interna/externa, da compatibilização das realidades domésticas com as possibilidades internacionais. Destarte, as decisões em Política Externa depen-

<https://doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-789-0.p15-20>

dem de fatores internos ao Estado, bem como forças externas que condicionam não só as metas fixadas, mas também os objetivos planejados. Nem todas as pressões exercidas sobre o elegível ou sobre o atingível provêm do mesmo meio: algumas são inerentes ao meio político ou econômico do Estado-nação. Em política externa, deve-se levar em conta as variáveis estruturais e conjunturais. Acrescente-se a isso o exame do sistema de poder em que se situa o Estado-nação, assim como as conjunturas políticas internas e externas; a saber, o processo imediato de decisões no centro hegemônico – ainda que se defenda a interdependência –, bem como nos países dependentes. Ter uma visão proveniente do Sul não é abandonar totalmente a relação “Norte-Sul”, mas inverter a ordem dos fatores. Para nós, as relações são “Sul-Norte”, no qual o Sul vem primeiro do ponto de vista epistemológico. Ou seja, nossa contribuição ao debate tem como ponto de partida o local, um olhar do mundo sobre uma óptica particular e localizada em uma parte do globo que até há pouco tempo foi considerada marginalizada ou menos importante, mas muito rapidamente começa a tornar-se mais relevante. A rápida ascensão da China a potência global é o melhor exemplo neste sentido, porém, não o único. Como dissemos, outros países do Sul, entre eles o Brasil e certamente a Índia, ganham proeminência nos debates de Relações Internacionais.

Tendo em vista que inúmeros fenômenos internacionais possuem uma manifestação desigual mas combinada, a proposta deste livro busca fazer jus a uma reflexão que não corrobora um padrão mecânico de absoluta proeminência do Norte. Assim, ela pretende contemplar a perspectiva do Sul como parâmetro e referência do olhar sobre o temário internacionalista em perspectiva mais ampla.

Tomando estas “petições de princípio” como ponto de partida, passamos a apresentar o conjunto dos dois volumes que compõem esta obra.

No primeiro volume, a primeira seção é intitulada “Reflexões teóricas sobre o sul e o sistema internacional”. Trata-se de uma sessão relevante na medida em que contempla um olhar do Sul sobre temas direta e indiretamente ligados ao universo internacionalista, visto a proeminência de temas tradicionais que destoam um pouco da proposta aqui contemplada.

Seu primeiro capítulo, de autoria de Gustavo Barroso, versa sobre a concepção de democracia e Estado de Direito de Franz Neumann.

Ironicamente, a reflexão deste representante da Escola de Frankfurt sobre o Estado nazista, ambos originários do Norte, serviu em boa medida para inspirar direta e indiretamente inúmeras reflexões teóricas críticas de acadêmicos dos países do Sul aos padrões internacionalistas tradicionais emanadas em boa medida dos países setentrionais. Barroso discute a instigante análise de Neumann sobre o Estado nazista e as possibilidades argumentativas referentes à destruição do Estado referido em favor do arbítrio dos grupos dominantes e monopólios no contexto histórico da Alemanha nazista.

O segundo capítulo traz à tona uma reflexão teórica sobre a paz no século XX de autoria de Rafael Salatini. Passando em revista de modo introdutório os temas da paz pela moral, da paz pela política a paz pelo direito e do direito da paz, Salatini nos brinda com interessante discussão que enriquece também de modo robusto o olhar sobre tema clássico e atualíssimo da formulação teórica no campo das Relações Internacionais.

O capítulo três traz uma contribuição de Marcos Costa Lima e Carolina Soccio Di Manno de Almeida. O texto é bastante identificado com a temática da interpretação sob a óptica do Sul ao contemplar relevante reflexão sobre os *subaltern studies*, inseridos em estudos pós-coloniais inspirados nas análises de Edward Said, Fanon e também de outro autor meridionalista à sua maneira, embora no caso do Sul da Itália e com foco na luta dos simples e subalternos também em termos não eurocêntricas, Antonio Gramsci. A análise recai sobre autores indianos que focaram a história da Índia contrariamente às visões eurocêntricas, mostrando a enorme repercussão, alcance e desenvolvimento que tais estudos pioneiros geraram no âmbito da análise das nações no seu contexto histórico posterior às lutas de suas independências.

No capítulo seguinte, Rodrigo Passos lança mão de resultados iniciais de pesquisa típica de temário teórico mais afim ao sul. Como proposta alternativa ao *mainstream* teórico típico das análises centradas no Norte, o foco é a teoria crítica de Robert W. Cox. Apesar de tal ensejo, o artigo reflete sobre uma teoria ainda eivada de referenciais típicos das abordagens internacionalistas dominantes. Neste sentido, o artigo discute inicialmente as fortes vinculações da formulação coxiana com o liberalismo, bem como seu distanciamento em relação a uma aplicação e compreensão mais acu-

rada do pensamento de Antonio Gramsci para as análises no campo das Relações Internacionais.

Ainda sob a marca da inspiração gramsciana, Meire Mathias aborda o cotejo entre relevantes referenciais teóricos internacionais e todo um conjunto de elaborações do autor italiano ligadas direta e indiretamente à internacionalização da questão meridional. Este último tema diz respeito à análise de Gramsci sobre o sul italiano e as ilhas que o compõem e como o conjunto de elementos da análise do conjunto orgânico entre Estado e sociedade pode sugerir um importante parâmetro também para a análise da política externa e de temas internacionais. Em uma coletânea sobre as visões do Sul, uma reflexão como a de Gramsci sobre o Sul italiano, região com distinta temporalidade histórica em relação ao Norte italiano e às principais potências no fim do século XIX e início do século XX, não poderia ser mais oportuna.

Fechando a primeira seção do livro, outra contribuição de relevo também focada no meridionalista Antonio Gramsci. Leandro Galastri centra sua análise em vários elementos dispersos dos cadernos carcerários e da obra pré-carcerária gramscianos com o objetivo de demonstrar como a violência política também se constitui em meio para a construção da hegemonia. Como categoria complexa e abrangente, a violência é uma das faces de uma concepção dirigente de mundo tanto no plano nacional quanto no plano internacional. Tal importante constatação justifica sobremaneira a reflexão de Galastri.

A segunda seção tem como fio condutor o Sul e as várias transformações econômicas no plano mundial. Ela contempla textos de Albério Neves Filho, Alberto Handfas e Francisco Luis Corsi, a serem sumariamente apresentados em seguida.

O capítulo sete, de lavra de Albério Neves Filho, apresenta um significativo olhar brasileiro e do Sul sobre o tema das instituições internacionais, da crise européia e da Democracia. Nele, Neves apresenta o vínculo entre a Democracia e as políticas econômicas dos anos 1980, eivada de contradições e oposições que supostamente se fundamentam nos valores universais afins à referida Democracia. O raciocínio de Albério Neves percorre raciocínio que mostra o nexos entre as proposições intelectuais

motivadoras dos contextos históricos de tais políticas são prisioneiras do exercício dos poderes em curso, culminando com uma reflexão crítica basicamente sobre um retorno a uma política macroeconômica pré-Keynes.

Alberto Handfas se debruça no capítulo oito de modo bastante interessante sobre a chamada “Grande Recessão” internacional, catalisada pelo estouro da bolha financeira de 2008. O autor percorre um raciocínio histórico que remonta aos 1960 para mostrar a trajetória de enfraquecimento na acumulação do capital mundial e especificamente europeu no decorrer das décadas seguintes, como decorrência tendencial de longo prazo de baixa na taxa de lucro obtida nos investimentos produtivos. Indubitavelmente, trata-se de uma análise sob a óptica do Sul, díspar em relação ao *mainstream* monetarista hegemônico no continente europeu.

Para concluir esta seção e ainda no diapasão de um viés meridional sobre a crise econômica internacional, Francisco Luis Corsi analisa a crise econômica internacional com especial ênfase na discussão do objetivo da política de austeridade, sobretudo sua base no equilíbrio fiscal, na piora da crise da União Européia, prolongando-se aos dias atuais e afetando os países do Sul do continente. A primeira parte do artigo situa a crise europeia no contexto da depressão econômica global. A segunda parte versa sobre as consequências da crise na Europa e as políticas econômicas abraçadas para lidar com tal quadro.

A terceira seção tematiza a América do Sul e os Estados Unidos, assunto central para a discussão sobre as visões do Sul. Ela conta com as importantes contribuições de Anabella Busso, Cristina Pecequilo, Tullo Vigevani e Juliano Aragusuku. Tais textos fecham o primeiro volume desta coletânea.

Anabella Busso discute de forma bastante atrativa em seu texto a diminuição da intensidade das relações entre os Estados Unidos da América e a América do Sul na primeira década o século XXI. Seguindo adiante, Busso explana duas causalidades centrais de tal constatação: a “guinada à esquerda” da maioria dos governos, com implicações na diversificação de parceiros e contatos regionais, e a desatenção de Washington com relação ao Cone Sul nos marcos de uma agenda preferencial para outras regiões e temas.

O texto de lavra de Cristina Pecequilo aborda de modo muito instigante o realinhamento estratégico dos Estados Unidos na América do

Sul em termos de uma ação reativa a acontecimentos ocorridos no Cone Sul com o objetivo de recuperar poder por parte da potência hegemônica. No esteio de tal análise, Pecequillo tece uma breve análise do cenário regional nos anos 1990 e as alternativas internas e externas à região, sob a óptica do poder norte-americano, bem como a agenda “renovada” dos Estados Unidos para a América do Sul.

Por sua vez, Tullo Vigevani e Juliano Aragusuku nos proporcionam uma convidativa leitura ao tratarem de uma análise das relações com os Estados Unidos e a América do Sul no início do segundo mandato de Dilma Rousseff. Passam em revista, sob o eixo de uma certa autonomia que pauta a política externa brasileira, a integração e concertação política na América Latina no âmbito do Mercosul, da Unasul e da CELAC, e o eixo hemisférico, circunscrito à OEA e às relações com o Estados Unidos.

Gostaríamos de manifestar nosso agradecimento à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que foi fundamental para viabilizar esta publicação, conforme documentação e solicitação constante no processo FAPESP 2016/09063-3.

Esperamos que o livro possa suscitar debates e reflexões a partir deste lugar, o Sul, não muito tradicional nas análises e pesquisas das Relações Internacionais, mas não menos importante. Boa leitura!

Marília/Franca, janeiro de 2016.
Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
Alexandre Fuccille